



Data: 20.07.2013

Título: "Temos 30 anos de crescimento caótico de cursos irrelevantes"

Pub: **Expresso**


clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 18

EDUCAÇÃO

António Cruz Serra Reitor da nova Universidade de Lisboa

“Temos 30 anos de crescimento caótico de cursos irrelevantes”

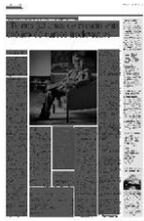


Área: 872cm² / 67%

Tiragem: 123.400
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4573019



Texto **ISABEL LEIRIA**
Foto **JOSÉ VENTURA**

A partir da próxima quinta-feira, António Cruz Serra passa a ser o reitor da maior universidade do país, resultado da fusão entre a Clássica e a Técnica de Lisboa. Com perto de 50 mil alunos e 3500 professores, a instituição conta subir várias posições nos *rankings* internacionais e reforçar a projeção em Portugal e no mundo.

O que levou a Clássica e a Técnica a juntarem-se?

A perceção de que podíamos criar uma grande universidade, com todas as áreas de conhecimento — da Medicina à Engenharia, passando pela Economia ou Direito —, capaz de competir com o melhor que há no mundo e de fazer trabalho de investigação em áreas transdisciplinares, que é onde se centra hoje muito do conhecimento de ponta.

Era vantajoso integrar as outras universidades de Lisboa?

Essa possibilidade foi considerada mas pareceu-nos que não seria a melhor decisão. Juntar o ISCTE ou a Nova ia trazer um grau de complexidade adicional que faria provavelmente fracassar o processo. Na Clássica e na Técnica não temos sobreposição de cursos. E é bom haver alguma competição em Lisboa.

Algumas das melhores instituições do mundo têm uma dimensão muito inferior e não optaram por crescer.

É verdade. Mas têm um orçamento 10 ou 20 vezes superior. Veja-se o caso do MIT, que tem a mesma dimensão do Instituto Superior Técnico em termos de alunos e professores. No entanto, o orçamento é de mil milhões de euros, superior a todo o ensino superior português. Com a fusão vamos conseguir ter maior impacto. Pela simples agregação das duas instituições, a nova Universidade de Lisboa (UL) vai posicionar-se nos *rankings* em lugares que nenhuma universidade portuguesa teria possibilidade de atingir. Prova-

velmente vamos estar à frente de todas as espanholas.

Só por via da dimensão?

Os *rankings* internacionais medem muito a quantidade de trabalho. Quando juntarmos a produção científica das duas universidades conseguiremos uma relevância que não temos neste momento.

Os rankings são importantes?

São importantes nas oportunidades que trazem de atração de alunos, professores e investigadores. Todos nós já olhámos para os *rankings* quando participamos em consórcios europeus e precisamos de acrescentar mais um país e uma universidade.

E quais serão as vantagens para os alunos?

Quem ganha mais com um maior prestígio da universidade são os alunos. E queremos promover a mobilidade deles, pon-do os de ciências e tecnologias a fazerem cadeiras de opção nas artes e nas humanidades. Isto é muito importante para uma formação completa.

Professores e funcionários têm alguma coisa a temer?

Não. Até porque estamos a funcionar com um número muito abaixo do valor fixado por lei.

Os estudantes dizem que há cada vez mais gente a abandonar a universidade por motivos económicos. Confirma?

Posso falar da experiência da Técnica de Lisboa (da qual era reitor) e não há evidência de que o abandono tenha aumentado. Apenas nos mestrados, frequentados por muita gente que já trabalha e que paga as suas propinas, houve uma ligeira des-cida. Na crise que vivemos e num país onde os benefícios de estudar no superior são tão grandes, as famílias sabem que só com muita qualificação os jovens têm acesso ao mercado de trabalho.

Os apoios sociais são suficientes?

O limiar para atribuição de bolsas é demasiado baixo e há imensa gente com dificuldades que fica fora desse apoio. E precisamos de ter mais quartos em residências. É uma das minhas prioridades como reitor.

Vão aumentar as propinas?

Sim, para o valor máximo que a lei permite. É um aumento moderado de cerca de €30 por ano.

“PELA SIMPLES AGREGAÇÃO DA CLÁSSICA E DA TÉCNICA, A NOVA UNIVERSIDADE DE LISBOA VAI POSICIONAR-SE NOS RANKINGS EM LUGARES QUE NENHUMA UNIVERSIDADE PORTUGUESA PODERIA ATINGIR”

Sei que temos das propinas mais altas da Europa. Mas com o limitadíssimo valor de financiamento público para o superior não temos escolha.

Há instituições que decidiram não aumentar.

Não será pelas melhores razões. Este aumento valerá na UL €1,5 milhões por ano. A dotação do Orçamento do Estado é tão baixa que não nos permite ir por outro caminho.

Todos os anos ouvimos reitores e presidentes dos politécnicos a dizer que se atingiu o limite dos cortes. Mas as instituições continuam a funcionar.

A dotação do Estado está tão baixa que já afeta o ensino e a investigação. Desde 2006 houve um corte efetivo de 50%, que só

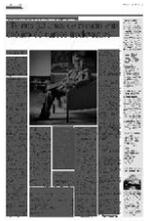
Área: 872cm² / 67%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4573019



conseguiu ser encaixado pelos enormes cortes salariais e por via das reformas. Nos últimos dez anos saiu tanta gente que isso tem efeito nas condições de ensino. O envelhecimento do corpo docente foi a pior coisa que aconteceu às universidades. Precisávamos de renovar e não temos capacidade para o fazer. O Estado gasta por aluno no básico e no secundário muito mais do que no superior, o que não acontece em mais nenhum país do mundo.

❑ No entanto, nunca houve tão bons resultados na Ciência.

❑ Houve um grande reforço de investigadores e em dez anos atingiram-se resultados inesperados. Só que esses jovens investigadores, que deviam ser o futuro do ensino superior, estão a acabar os contratos e a ir para o estrangeiro. Haverá uma descida da produção científica.

❑ Acredita que o próximo Orçamento do Estado vai acolher estas preocupações?

❑ É preciso fazer escolhas e decidir onde se deve apostar. Há de haver um governo que entenda que o país só pode sair desta situação se tiver jovens qualificados. E financiar de forma diferente o que é diferente. Porque o impacto que tem uma grande universidade como a de Lisboa é completamente diferente do que têm outras instituições que são irrelevantes do ponto de vista da qualificação.

❑ A médio prazo isso não iria implicar o fecho de algumas escolas, nomeadamente alguns politécnicos do interior?

❑ Se calhar ia levar a uma reorganização do sistema. Não defendo que se fechem polos que são fundamentais para o desen-

volvimento regional. Mas poderiam ser integrados em unidades mais amplas, apostando na especialização e em formações distintas nos diferentes sítios. Neste momento está tudo misturado. E há magníficas instalações, com corpo docente qualificado e sem alunos lá dentro.

❑ O Governo também tem defendido a necessidade de reorganizar a rede.

❑ Até agora nada foi feito. Não existe uma única proposta.

❑ O despacho com as regras para fixar as vagas para o próximo ano previa que as instituições se juntassem para reorganizar a oferta de cursos. Isso foi feito?

❑ Em nenhum sítio do país. Em Lisboa, por exemplo, são tantas as instituições que, sem se definir uma liderança, nada vai acontecer.

❑ Faz então sentido o Ministério intervir?

❑ Tem de o fazer. Temos 30 anos de crescimento caótico de cursos irrelevantes do ponto de vista da formação e sem atratividade.

❑ Há quem defenda a eliminação do *numerus clausus* e a liberdade das universidades em definir as vagas que entenderem.

❑ Se se fizer isso mata-se várias instituições do interior. Se algumas das nossas escolas aumentassem as vagas secavam tudo o que é formação na mesma área fora de Lisboa.

❑ Faz sentido continuar a financiar uma escola que é uma segunda opção para os alunos em nome do desenvolvimento de uma dada região?

❑ O que sei é que não temos recursos para ter cursos a funcionar com dez alunos ou menos. Por isso temos de ter um financiamento diferente, que leve a aumentar o número de alunos por professor.

❑ Os resultados dos exames nacionais baixaram este ano e estão longe de ser famosos. Qual é o nível dos alunos que chegam à universidade?

❑ Estou convencido que têm melhor formação a Matemática e a Física mas em relação às competências linguísticas a situação piorou.

ileiria@expresso.imprensa.pt

A NOVA UNIVERSIDADE DE LISBOA EM NÚMEROS

Fusão entre a Universidade Clássica e a Universidade Técnica

ESCOLAS (FACULDADES E INSTITUTOS)	18
CURSOS (LICENCIATURAS, MESTRADOS E DOUTORAMENTOS)	470
ALUNOS INSCRITOS (2011/12)	48.435
PROFESSORES (DEZEMBRO DE 2012)	3494
ARTIGOS PUBLICADOS (2012)	5987
UNIDADES E INSTITUTOS DE INVESTIGAÇÃO	90
PESSOAL NÃO DOCENTE (DEZEMBRO DE 2012)	2425
CANTINAS	10
RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS	22
BOLSEIROS	4343

FONTE: UNIVERSIDADE DE LISBOA